

ÍNDIA: AVANÇOS, PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

Marcos Costa Lima¹

Passados 61 anos de sua independência (1947), discute-se hoje os avanços e a manutenção de muitos problemas estruturais na Índia. Foi-se o tempo em que o maior problema do país era a manutenção de sua unidade nacional, da integração nacional do povo indiano enquanto uma comunidade política, logo após a retirada dos ingleses.

Muitos falam de enfrentamentos de linguagem, de castas, de assassinatos comunais, dos assassinatos por fanáticos de Gandhi, Indira Gandhi e Rajiv Gandhi; das guerras com o Paquistão e a China, do secessionismo no Punjab, levantes no Kashmir, assassinatos em Assam, fome endêmica, corrupção, poluição, catástrofes ambientais, disparidades de riqueza e pobreza, preconceitos de casta, trabalho infantil, corrupção na máquina do estado, discriminação contra as mulheres e abuso dos direitos humanos².

Tudo isto é verdade, aconteceu, e muito ainda acontece, e célebres historiadores indianos afirmam que perdeu-se a confiança e as altas aspirações presentes no período de Nehru³, fazendo o povo indiano menos otimista e economicamente mais inseguro e mais fragmentado, social e politicamente.

Menos pessimistas, os autores Chandra e Mukherjee⁴ não desconsideram os imensos desafios que o país terá de afrontar, mas afirmam que seria um grande erro não reconhecer que a Índia também realizou grandes progressos. Segundo eles, os avanços qualitativos realizados pela Índia em muitas áreas, têm sido ignorados porque ocorreram gradualmente e sem ostentação ou drama. Entre esses sucessos apontam o fortalecimento da unidade política, ameaçada quando da Independência. A grande diversidade linguística e étnica do país não impediu o processo e a Índia é hoje uma nação em processo, com um

¹ Marcos Cosa Lima é Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPE. Doutor em Ciências Humanas pela UNICAMP e pós doutorado na Université Paris-XIII – [Villetaneuse . E-mail: marcoscostalima@terra.com.br](mailto:marcoscostalima@terra.com.br)

² C.Thomas (1993) in Geeti Sen: *Receiving India*. New Delhi, p.266.

³ S.Gopal (1984), Jawarhalal Nehru – *A Biography*,v.3,p.301

⁴ Bipan Chandra; Mridula Mukherjee; Aditya Mukherjee (2008), *India since Independence..* Penguin Books

crescente sentimento de unidade. As disparidades regionais e entre estados continuam a existir, mas de forma que não mais ameaçam a unidade nacional.

Um grande número de partidos regionais ou de um único estado surgiu e assumiram muitas vezes o poder, a exemplo dos dois partidos comunistas (em Kerala e West Bengal) ou do partido do estado de Tamil Nadu (DMK) e muitas vezes estes estabelecem alianças com partidos nacionais ou se tornam partidos de uma aliança nacional. São partidos políticos que lutam por uma maior participação na distribuição dos recursos centrais, mas não mais se afirmam pelo discurso da secessão.

A Índia tem vivido processos eleitorais regulares, contudo, afirmam os mesmos autores, que as disparidades regionais e de níveis de desenvolvimento apresentam sérios problemas com as divisões comunais e de casta. Mas conforme Chandra e Mukherjee⁵, a maior história de sucesso da Índia independente tem sido seu secular, federativo e partidário sistema político, que conseguiu superar suas maiores crises em 1967/69 e 1974/77.

Segundo Indira Gandhi, ao ser indagada em 1972 sobre os maiores êxitos da nação desde sua independência foi “*a de sobreviver como uma nação livre e democrática*”.⁶

Do ponto de vista econômico, e não teremos aqui a condição de explicitarmos a condução do processo de Nehru a Rajiv Gandhi, é necessário dizer que sob Nehru e Indira Gandhi, tentou-se reduzir o amplo desnível entre a Índia e os países desenvolvidos pela concentração da atividade econômica na indústria pesada e na geração de energia.

A implosão gradual do sistema de industrialização via substituição de importações (ISI) é bem analisada por Vivek Chibber⁷. Ele afirma que a virada do “dirigismo estatal” veio de duas maneiras diferentes, mas relacionadas. A primeira originou-se no interior da máquina estatal, em resposta aos abusos de uma parte da elite no poder nos anos 1970/80, A segunda fonte de pressão foi de natureza econômica, originária da emergência de novos grupos empresariais que viam o regime de controle interno como um impeditivo para sua ascensão ao poder.

⁵ Op.cit, p.688

⁶ citado em : Zareer Mezani (1975), *Indira Gandhi – A biography*. London, p.299

⁷ Vivek Chibber (2006), *Locked in Place: State Building and late Industrialization in India*. Princeton: Princeton University Press

Muito embora o período de Nehru tenha ficado conhecido como *os anos de fundação*, e em muitas formas como um período de integridade e de elevado espírito público; com a sua morte, tal procedimento não prosseguiu.

Ainda segundo o autor, Indira Gandhi jamais conseguiu manter a inquestionável supremacia enquanto líder, como o seu pai. Para Chibber, a razão disto estava em parte associada às mudanças havidas na política indiana, que estiveram muito além do controle que Indira fora a capaz de exercer e, mais importante, foi o surgimento de novas forças sociais especialmente no interior do país, que lutavam por maior espaço de poder. Indira apoiou-se demasiado em lealdades inquestionáveis como um critério para selecionar aliados políticos. Ela indispôs-se com a velha geração do Congresso e, após a crise de 1969 e a divisão interna no seio do partido do Congresso, teve uma vitória eleitoral espetacular em 1971. No entanto, a despeito deste triunfo eleitoral, passou a atuar de forma clientelista e mesmo conspiratória.

Pranab Bardan⁸ descreveu a situação do período como uma década onde o estado indiano teve fraca capacidade institucional pelos métodos adotados pela Primeira Ministra na resolução de disputas – o uso de instrumentos fiscais para « comprar » opositores, fazendo com que o estado fosse dilapidado de seus recursos produtivos, ao mesmo tempo em que se mantinha paralisado com as crescentes disputas e solicitações: “ Longe de utilizar o aparato estatal nos anos 70, o regime dos Gandhi (Indira e seu filho Sanjay) para disciplinar as firmas industriais, acabaram por estabelecer laços clientelísticos com os mesmos”.

Neste sentido, passam a ficar conhecidas as “*Licenças do Raj*”, um instrumento de política econômico inaugurado por Nehru e que Indira e Sanjay, utilizando para premiar os amigos e punir os inimigos. Com a burocracia já comprometida pelas intervenções dos Gandhi, era quase inevitável que o uso do sistema de licenças para ganhos pessoais iria se ramificar e difundir na estrutura administrativa do Estado indiano.

Como afirmou Chibber⁹ sobre as “*licences quota permit raj*” o governo perdeu legitimidade política, pois a corrupção ficou mais e mais visível, tornando-se endêmica. Para os críticos do sistema, estas tendências só demonstraram que o problema central

⁸ Pranab bardan (1984), *The Political Economy of Development in India*. Oxford: Basil Blackwell

⁹ Chibber, op.cit, p.252.

encontrava-se no desenvolvimento liderado pelo estado, e, portanto, a solução seria apoiar-se no mercado.

Em 1980, este tipo de raciocínio passa a ser dominante entre os servidores públicos jovens de alto escalão que viam o aparato político não apenas como ineficiente, mas sem condição de reforma.

Quando Rajiv Gandhi assumiu o poder, os ingredientes e o ambiente contra a antiga política industrial já eram dominantes e a mudança veio com a liberalização interna que foi estabelecida por seu ministro das finanças, V.P. Singh em 1985.

Em 1991 a Índia viveu uma crise de pagamentos com o país dispondo não mais que de duas semanas de reservas cambiais. Aliado a este problema, o endividamento público indiano progrediu rapidamente ao longo dos anos 1980. O estoque público da dívida total, que perfazia 46% do PIB em 1982, atingiu 63% em 1987/88. Em 1988, o país se torna o mais endividado país da Ásia, com uma dívida próxima aos 60 bilhões de dólares¹⁰, dos quais uma parte crescente de curto prazo. E com reservas cambiais fracas, que não suportaram o choque do petróleo de 1990¹¹.

A primeira geração de reformas (1991/2004), começa com menos de 1 bilhão de dólares de reservas cambiais em 1991 e vai atingir os 125 bilhões de dólares em 2004. A taxa de crescimento médio anual subiu a 6%. O período termina com o mote a “Índia que reluz”, slogan utilizado pelo BJP (Barathiya Janata Party), a segunda força política na Índia, formado por nacionalistas hindus.

Com todos estes indicadores econômicos reluzentes, o Partido perderá as eleições com as críticas crescentes de uma distribuição desigual dos frutos do crescimento e pela incapacidade de por em prática as reformas ditas de segunda geração, indispensáveis para absorver a procura por emprego , sobretudo entre os jovens.

Do ponto de vista político, após o assassinato de Rajiv Gandhi por um fanático do estado de Tamil Nadu, as eleições gerais de 1991 trazem de volta ao poder o partido do Congresso, dirigido por Naramha Rao, que fará de Manmoham Singh, o atual Primeiro Ministro da Índia, seu Ministro das Finanças.

¹⁰ Jean –Joseph Boilot (2006), *L` Economie de L`Inde*. Paris: La Decouverte, p.25

¹¹ É interessante considerar a desigualdade do volume da dívida entre os países da Ásia e aqueles da América Latina. Não é por menos que os economistas indianos falam abertamente contra os equívocos dos modelos de desenvolvimento adotados pela América Latina.

Economista academicamente respeitado, M.Singh abolirá as *licenças do Raj* na maior parte dos setores da economia.. Os industriais indianos passam a estar livres para as suas opções de investimento. A abertura aos mercados externos terá grande avanço, com a autorização automática dos investimentos estrangeiros. Até 51 % do capital e mais, a depender do setor. Os setores automobilísticos, de telecomunicações e serviços de informática ganham forte impulso. Também ocorre uma forte baixa das barreiras alfandegárias. A rúpia será desvalorizada de 30% em 1991 e novamente em 15% em março de 1992.

No momento das eleições gerais de 1996, a economia indiana aparece pela primeira vez como uma das economias mais dinâmicas do mundo, com quatro anos sucessivos de crescimento acima de 7% (1994-1997). A Índia foi, em grande medida, poupada do contágio da crise asiática de 1997 graças não só a seus fundamentos econômicos, mas por conta também de uma fraca integração comercial e financeira com a Ásia do Leste.

Estas eleições indicaram um parlamento sem maioria e o líder do BJB, Valpayee, renuncia ao poder após treze dias de governo. Uma frente unida, dirigida pelo Partido do Congresso, a partir de uma coalizão com os partidos de esquerda assumirá então o poder. De 1998 a 2004, será a vez de uma coalizão dirigida pelo BJP, que assumirá o comando. Em termos econômicos, a liberalização continua e, salvo nos aspectos políticos internos, (comunalismo, defesa do hinduísmo e confronto com os muçulmanos) o BJP pouco se diferenciará do Partido do Congresso, defensor do secularismo na política.

Em 2005, o país assistiu novamente ao retorno do Partido do Congresso, agora tendo como Primeiro Ministro o artífice da abertura em 1991, Manmohan Singh.

Os Problemas

Uma das críticas fortes que fez Amartya Sen aos sucessivos governos indianos foi a de não investirem adequadamente na formação de “capital humano”. Escrevendo em 1997 disse: “Após 50 anos de independência, metade dos adultos na Índia são analfabetos (na verdade mais de 70% das mulheres adultas não sabem ler ou escrever[...]) A Índia não teve dificuldade em fazer aumentar suas taxas de crescimento econômico ao remover

dificuldades e restrições , nem de faze uso de suas oportunidades de comércio. Mas uma ampla parcela da sociedade indiana permanece excluída do âmbito das oportunidades econômicas ¹²».

Mas não são apenas os baixos indicadores educacionais que afetam a Índia. As taxas de pobreza ainda são alarmantes. O país tem 34,7% de sua população vivendo com menos de 1 dólar dia e 79,9% com dois dólares dia em 2002, por mais que o custo de vida seja bem mais baixo. O emprego formal atinge, se muito, 20% da população e o país tem necessidade de criar ao menos 10 milhões de empregos por ano.

Em termos demográficos, a população indiana passou de 395 milhões entre 1950/1995, para 1.100 bilhão em 2005, muito embora a taxa bruta de natalidade (por mil) tenha caído de 45,4 para 22,5 em 2005. A expectativa de vida da população, que era de 36,5 anos nos anos 1950, passou a 64,9 em 2005.

Associado a estes problemas, uma forte disparidade regional, com o sistema de castas ainda atuando no sentido do incremento das desigualdades sociais.

A infra-estrutura de estradas, energia¹³ (fala-se que existem 400 milhões de indianos sem acesso a energia) e saneamento básico; são problemas que a Índia terá de enfrentar, se quiser atingir um crescimento sustentável.

Do ponto de vista do aquecimento global, as emissões indianas de CO2 já somam 583 milhões de toneladas (mt), geradas por suas plantas energéticas, fazendo da Índia o quarto maior poluidor entre os projetos energéticos nacionais, após os EUA (2.8 bt), a China (2bt) e a Rússia (661 mt)¹⁴.

A Índia, que superou tantos problemas, inclusive mantendo sua unidade nacional intacta, terá nos conselhos de Nehru, quando do lançamento dos objetivos sociais do planejamento em 1954, um forte guia:

¹² in : Barbara D. Metcalf and Thomas R. Metcalf (2005) , *A Concise History of India*. Cambridge University Press, p.284.

¹³ Os estados indianos que têm apresentado maior urgência no sentido do aumento do fornecimento de energia são: Andhra Pradesh ; Punjab ; Haryana ; West Bengal, Kerala e Uttar Pradesh.

¹⁴ Namrata Singh (2008), "NTPC : India's worst carbon emitter Report". in: Times Business India, 31 July.

« I suggest that the only policy that we should have in mind is that we have to work for the 360 million people (população indiana à época) not for a few, not for a group but for the whole lot, and to bring them up on an equal basis ¹⁵».

As Perspectivas

A Índia sobrepujará a população chinesa em 2030, quando terá um bilhão e quatrocentos milhões de habitantes. A sua população urbana passara dos 285 milhões em 1980 para 700 milhões em 205¹⁶. Se estima hoje que em 2025 a participação da agricultura no PIB será de 10%

A Goldman Sachs¹⁷, utilizando um modelo de convergência condicional em 2003 inspirado nas teorias de crescimento endógeno, informa que o potencial de crescimento resulta da combinação de fatores endógenos (taxa de investimento, crescimento demográfico, nível de educação, qualidade das instituições e também convergência tecnológico – recuperação da produtividade – função da distâncias dos PIBs per capita com os países mais avançados. Pois bem, na avaliação que a Goldman Sachs faz dos BRICs, o cenário para a Índia apresenta uma taxa de crescimento potencial de 5,8% ao ano nos trinta próximos anos.

No caso do crescimento chinês, haverá um ritmo maior entre 2010 e 2015 que tenderá a decrescer, para atingir 3,0% em torno de 2040-2050, contra 5,0% na Índia nos próximos trinta anos.

Uma previsão diferente, estabelece um ritmo de 7,4% para a Índia até 2030 com uma taxa de convergência mais forte sobretudo pelo efeito dos investimentos em educação.

Dani Rodrik e Subramaniam (2004: p.74), usando parâmetros sobretudo internos, falam de uma taxa de crescimento de 6-7% por ano até 2025, ou seja, uma expectativa ainda mais otimista que o cenário Brics (Brasil, Rússia, Índia e África do Sul)¹⁸

¹⁵: Bipan Chandra, Mridula Mukherjee e Aditya Mukherjee, op.cit., p. 703.

¹⁶ Dyson, T, Cassen R. e Visaria L. (2004) *Twenty first century India. Population, Economy, Human Development and the environment*. Oxford University Press, New Delhi, p.414..

¹⁷ Goldman Sachs (2003), “Dreamng with the BRICS: the path to 2050”. In: Wilson D. e Purushotmn, R. *Global Economics Paper*, n° 99., 1 outubro.

¹⁸ Dani Rodrik e Subramaniam (2004), “From Hindi growth” to productive surge:the mystery of Indian Growth Transition. NBER Writind Paper, 10376.

Os Cenários Prováveis

Jean –Joseph Boilot (2006:99), nos apresenta dois cenários que foram desenvolvidos pelo World Economic para a Índia. Tomando por base um método mais qualitativo de cenários contrastantes até 2028.

O primeiro cenário, intitulado *Bollywood*, conjuga uma globalização extrema, centrada nos serviços de informática, com um crescimento excludente, notadamente nas áreas rurais e para a mão-de-obra de baixa qualificação. Este crescimento rápido num primeiro momento, cairia a partir de 2015, numa sociedade cada vez mais excludente.

O 2º cenário ou *Pahala Índia*, a “Índia em primeiro lugar”, tenta conciliar uma integração internacional rápida e crescimento includente graças a uma política econômica ativa que reinveste os dividendos da globalização em Programas de saúde, educação, e de luta contra a pobreza, de infraestrutura física, em suma, de bom governo interno e de boa relação com os países vizinhos.

Estes dois cenários apresentam uma variação de 4 a 8% de crescimento. Para Boilot, (p.100), o cenário mais próximo da realidade seria aquele “*Pahale Índia*”, a meu juízo excessivo, sem indicadores atuais capazes de sinalizar ou justificar tal projeção.

O Presente Momento

Atualmente é possível dizer que a Índia vive um momento de grande otimismo. Alguns setores como o de *software* e mesmo de *hardware* vêm trazendo novas oportunidades e empregos para o país, com a estruturação dos grandes Parques Tecnológicos por toda a Índia, também gerando empregos de maior valor. Outros setores vêm apresentando bom comportamento, como o farmacêutico, o de defesa, de mísseis, o turismo. Por certo os problemas políticos estão presentes, a exemplo o recente enfrentamento na região Kashmir- Jumu, esgarçando o sensível tecido do conflito hindu-muçulmano.

Pelo lado da Política Internacional o governo indiano acaba de ter uma vitória na sua política nuclear, através do programa de apoio que teve dos Estados Unidos, aprovando no EIEA a continuidade do seu programa nuclear.

Do ponto de vista das políticas e processos de integração regional, a Índia reuniu-se no SAAR, coordenação regional dos países da Ásia do Sul, juntamente com o Paquistão, Sri-Lanka, Míamar, Maldivas e Afeganistão, tendo sido aprovados um conjunto de medidas de cooperação em vários aspectos, tendo a Índia oferecido generosa contribuição de USD 5000 milhões para apoio à infra-estrutura ao Afeganistão, podendo-se ressaltar ainda o recente entendimento que estabeleceu com o Paquistão, seu inimigo histórico.

Finalmente, apontar a forma soberana que, junto com a China, ocasionando o fim das negociações em Doha, por considerar que os países desenvolvidos pouco ofereciam aos países em desenvolvimento, buscando excessivamente as suas vantagens. Qualquer que tenha sido o recente alinhamento com o governo dos EUA sobre os temas do terrorismo e da estrutura de seu programa de defesa atômica, isso não impediu que o país tivesse que se alinhar nos tratados de comércio, que o prejudicariam, evidenciando autonomia em seu comportamento internacional.

A ativa atuação do país no cenário internacional revela que a Índia está tentando jogar um jogo de maior exposição internacional, bem como fazer valer, na comunidade internacional o peso de sua economia e de seu crescimento econômico.

Algumas Evidências Empíricas¹⁹

CHAUDURY e RAVALLION (2006)²⁰ afirmam que as performances de crescimento da China e da Índia mascaram consideravelmente as desigualdades nos níveis sub-nacionais, a exemplo da China, quando a taxa provincial de crescimento em Quinghai está abaixo dos 5.9% e em Zhejiang alcança 13.3 % para o período 1978-2004. Na Índia, entre os 16 maiores estados, Bihar atingiu a mais baixa taxa de 2,2 % quando Karnataka, a mais alta ou 7.2%. Ainda segundo os autores a desigualdade espacial tem contribuído para o desigual combate à pobreza porque o crescimento da renda dos domicílios está

¹⁹ Esta parte do trabalho é basicamente, uma adaptação de um trabalho meu que apresentei junto ao Congresso da Associação Brasileira de Relações Internacionais, em julho de 2007 em Brasília, e intitulado: **Índia e Brasil: Entre o sono e o despertar. Será o crescimento desigual a única via?**

²⁰ Shubham, CHAUDHURI, Martin, RAVAILLON (2006). *Partially awakened giants: uneven growth in China and India*. World Bank Policy research Working Paper 4069, November.

claramente associado com a redução da pobreza ao nível sub-nacional. Na China, as regiões costeiras estão em muito melhor condição do que as regiões do interior, A tendência de declínio na taxa de pobreza entre 1981 e 2001 foi de 8% ao ano para o interior contra 17% nas áreas costeiras.

Também há desigualdades setoriais, ou seja, nos dois países as taxas do setor primário (agricultura) têm sido muito inferiores às das do secundário (indústria) e do terciário (serviços). Na China entre 1980-1985 a agricultura crescia a 7% no período, caindo para menos de 4% entre 2000-2005, ao passo que na Índia a agricultura apresentava taxas médias de 6% no 1º período, caindo para 2% no último período²¹. O abismo entre as rendas rurais e urbanas se aprofundou de forma substantiva nos dois países e ainda mais na China que tinha o Indicador de Gini de desigualdade de renda de 28% em 1981 que saltou para 41% em 2003. As reformas estabelecidas nos dois países não foram particularmente pró-pobreza nos dois países, as desigualdades persistem, seja com relação ao desenvolvimento dos recursos humanos (educação e saúde para os pobres) seja no acesso à infra-estrutura, principalmente no meio rural. As tabelas a seguir apontam os indicadores para as transformações vividas em alguns dos países centrais da Ásia-Pacífico, considerando a tabela nº 1 que indica a distribuição percentual do produto mundial por regiões, que passou de US\$ 42.8 trilhões em 1995 para US\$ 61.3 trilhões em 2005.

Tabela 1
Distribuição Percentual do Produto Mundial por Regiões em 1995 e 2005

Regiões	1995	2005
Países Ricos	60	54
Ásia do leste e Pacífico	13	19
América Latina e Caribe	8	8
Europa e Ásia Central	7	7
Ásia do Sul	6	8
Oriente Médio e Norte da África	3	3
África Sub-Sahariana	2	2

A tabela 1 mostra que o crescimento do produto ocorre principalmente na Ásia do Leste e Pacífico, permanecendo a América latina, o Oriente Médio e a África sem nenhuma

²¹ Fonte: China Statistical Yearbook (vários anos) ; Central Survey Organization, Government of India

alteração. A tabela 2 informa o total da população urbana como percentual da população total em cinco países da Ásia-Pacífico, a China, a Coreia, o Japão, a Rússia e a Índia. Destaca-se na tabela o vertiginoso crescimento da população urbana na China entre 1990-2005 e a lenta evolução do processo migratório campo-cidade na Índia. Os demais países com maioria populacional cosmopolita.

Tabela 2
População Total e População Urbana como % da Pop. Total

Países	População Total (milhão)			População Urbana (%)		
	1990	2000	2005	1990	2000	2005
China	1.115	1.273	1.315	27.4	35.8	40.4
Coreia	43	47	48	73.2	79.6	80.8
Rússia	148	146	143	75.4	73.4	73.0
Índia	849	1.021	1.103	25.5	27.7	28.7
Japão	123	127	128	63.1	65.2	65.8

Fonte: UN/ESCAP Economic and Social Survey 2007

A Tabela 3 revela as taxas de crescimento do PIB destes mesmos cinco países, sendo novamente impressionantes o ritmo da China, e em seguida aquele da Índia. As taxas coreanas forma significativas até o ano 200, salvo a crise de 1997, reduzindo o ritmo após 2003, mas já numa tendência de retomada. A Rússia retoma o crescimento após o ano 2000 e tem mantido taxas elevadas desde então e, finalmente, o Japão, evidenciando o seu processo de estagnação que vem desde o início dos 90.

Tabela 3
Taxa de Crescimento Real do PIB (%t)

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
China	10.9	10.0	9.3	7.8	7.6	8.4	8.3	9.1	10.0	10.1	10.4	10.7
Coreia	9.2	7.0	4.7	7.8	9.5	8.5	3.8	7.0	3.1	4.7	4.0	5.2
Rússia	-4.1	-3.6	1.4	-6.9	6.4	10.0	5.1	4.7	7.3	7.2	6.4	6.7
Índia	7.3	7.8	4.8	-5.3	6.1	4.4	5.8	8.3	8.5	7.5	9.0	9.2
Japão	2.0	2.7	1.6	6.5	-0.1	2.9	0.2	0.3	1.4	2.7	1.9	2.2

Fonte: : ESCAP, based on national sources; International Monetary Fund, International Financial Statistics (CD-ROM) (Washington, D.C., IMF, December 2006); and IMF Country Reports; Asian Development Bank, Key Indicators of Developing Asian and Pacific Countries 2006 (Manila, ADB, 2006); and website of the Interstate Statistical Committee of the Commonwealth Independent State, available at <<http://www.cisstat>>, 26 February 2007; and ESCAP estimates

A tabela nº 4 indica a expectativa de vida entre os cinco países selecionados e verifica-se um gradual melhora do indicador em quatro dos cinco países, à exceção da Rússia. O

Japão atinge, a partir dos anos 2000, uma expectativa de vida que supera os 80 anos de idade.

Tabela 4
Expectativa de Vida (Anos)

Países	1990-95	1995-2000	2000-2005
China	68.1	69.7	71.5
Coréia	72.2	74.6	76.8
Rússia	66.8	66.0	65.4
Índia	59.5	61.5	63.1
Japão	79.5	80.5	81.9

Fonte: UN/ESCAP Economic and Social Survey 2007

A tabela 5 apresenta os indicadores de mortalidade infantil, com uma queda significativa na China e com a Coréia e o Japão apresentando indicadores de países altamente desenvolvidos. Na Índia, mesmo considerando a substantiva queda nos quinze anos, chama a atenção os altos indicadores de mortalidade infantil.

Tabela 5
Mortalidade Infantil (Por mil nascidos vivos)

Países	1990-95	1995-2000	2000-2005
China	38	33	26
Coréia	8	5	5
Rússia	23	20	17
Índia	84	66	62
Japão	5	3	3

Fonte: UN/ESCAP Economic and Social Survey 2007

A tabela 6, finalmente, apresenta indicadores que nos interessam aqui especialmente, ou seja, o uso de computadores e de *internet* e telefone, que evidenciam a presença das tecnologias de base informacional. Assim, a China muito embora tenha feito esforços, sobretudo, no uso da Internet e na posse de telefones fixos e móveis, ainda está muito aquém dos indicadores similares apresentados pela Coréia e o Japão. A Índia, em que pese toda a sua revolução nos serviços de *software*, ainda tem indicadores muito inferiores com relação às comunicações, o que, sem dúvida, afeta o desempenho global de sua economia. A Rússia apresenta uma posição intermediária entre os cinco países, à exceção da telefonia móvel, onde atinge patamares semelhantes àqueles dos países desenvolvidos, como a Coréia e o Japão, sendo o primeiro o país melhor situado no conjunto das tecnologias de comunicação e informação.

Tabela 6
Telecomunicações

	Computadores por 100 pessoas			Internet por 100 pessoas			Telefones					
	1990	2000	2005	1995	2000	2005	Fixo			Móvel		
	1990	2000	2005	1995	2000	2005	1990	2000	2005	1995	2000	2005
China	-	1.6	4.1	-	1.7	8.4	0.6	11.2	26.6	0.3	6.6	29.9
Coréia	3.7	40.5	54.5	0.8	41.4	68.4	30.6	56.2	49.2	3.7	58.3	79.4
Rússia	0.3	6.3	12.1	0.2	2.0	15.2	14.0	21.9	27.9	0.1	2.2	83.6
Índia	-	0.5	1.5	-	0.5	5.4	0.6	3.2	4.5	-	0.4	8.2
Japão	-	35.8	48.2	4.9	39.3	58.9	43.4	47.5	45.1	10.1	40.0	87.6

Fonte: UN/ESCAP Economic and Social Survey 2007

Observando a Tabela 7 é possível verificar que a participação mundial na produção de manufaturas de valor agregado é destacadamente concentrada nos países ricos, o que revela a manutenção da alta concentração da produção dos bens intensivos em tecnologias por parte dos países desenvolvidos. Vê-se ainda que tanto a América latina quanto o Brasil perdem posição nesta participação. E são quedas substantivas. Entre os países em desenvolvimento é a China que tem destaque, dando um salto de 3.3% da produção de manufaturas intensivas em tecnologia de ponta para 8,5% em 2003. A Índia também cresce no setor, mas com uma participação bem mais modesta.

Agora, olhando a participação nas exportações mundiais de manufaturados é possível verificar que os países desenvolvidos têm deslocado suas empresas para os países em desenvolvimento e, novamente, a América Latina e a África perdem posição e o Brasil mantém a sua pequena participação no setor. A China primeiramente e a Coréia se destacam, quando a Índia avança mais lentamente.

Tabela 7
Participação de países e regiões na produção mundial de Manufaturas de Valor Agregado e na exportação de manufaturas 1980–2003 (Participação Percentual)

	Participação mundial nas manufaturas de Valor Agregado				Participação nas Exportações Mundiais de manufaturas			
	1980	1990	2000	2003	1980	1990	2000	2003
Países desenvolvidos b	64.5	74.1	74.9	73.3	74.1	77.9	67.3	65.4
Países em desenvolvimento	16.6	17.0	22.0	23.7	18.9	18.3	28.9	29.7
América Latina e Caribe	7.1	5.6	5.4	4.4	4.3	2.4	4.7	4.1
Brasil	2.9	2.2	1.1	0.9	0.8	0.8	0.8	0.8
México	1.9	1.1	2.0	1.7	0.8	0.5	2.7	2.2
Coréia	0.7	1.4	2.2	2.3	1.1	2.2	3.1	3.0
China	3.3	2.6	6.6	8.5	1.0	1.7	4.3	6.5

Índia	1.1	1.1	1.2	1.4	0.3	0.5	0.7	0.9
África	0.9	0.9	0.8	0.8	5.4	2.6	1.8	2.0

Fonte: UNCTAD secretariat calculations, based on UNIDO, *Handbook of Industrial Statistics 1996*; UNIDO, *International Yearbook of Industrial Statistics, 2006*; World Bank, *World Development Indicators* online; UN COMTRADE and UNCTAD estimates.

Note: Calculations in current dollars.

a To ensure data comparability, the definition of this product category follows industrial statistics. It therefore includes processed primary products in addition to manufactures, as defined in trade statistics. For further discussion of this statistical issue, see Wood and Mayer, 1998.

Para dar uma medida de grandeza do setor de equipamentos de TICs (excluindo os softwares), apenas na área da OECD (2005), o valor das exportações desses produtos passou de USD US\$ 154 bilhões em 1990 para US\$ 558 bilhões em 2000 e as importações de US\$ 162 bilhões para 601 bilhões no mesmo período (p. 420). A grandeza desses números demonstra que estas tecnologias vieram para ficar e que qualquer país em desenvolvimento que pretender um melhor posicionamento no comércio mundial terá que estabelecer um esforço decisivo no desenvolvimento destas novas tecnologias.